

# Escutar: na dinâmica biológico-cultural do educar

**Resumo:** Este texto propõe lembrar como o “escutar” é um processo constitutivo no viver e conviver, e evidenciar modos fundamentalmente diferentes de “escutar”. Apresenta-se alguns fundamentos que tratam os fenômenos básicos do humano, apoiado no que têm proposto Humberto Maturana e Ximena Dávila. Há três noções básicas que orientam o que será apresentado neste texto. Primeira é aquela na qual se vê a pessoa como o “observador na linguagem”. Segunda são emoções e emocionares que definem tudo o que fazemos, até mesmo o racional. E a terceira é uma lei sistêmica que diz: “quando em um conjunto de elementos começam a se conservar certas relações, abre-se espaço para que tudo mude em torno das relações que se conservam.” O escutar é olhado como um fenômeno no âmbito relacional do conversar. Daí procura-se evidenciar a centralidade do escutar na educação, ao mostrar os modos básicos do escutar propostos na Biologia-cultural.

**Palavras-chave:** Comunicação. Linguagem. Educação. Cultura.

Homero Alves Schlichting  
Universidade Federal  
de Santa Maria  
homero.a.s@gmail.com

## O “escutar” através da Biologia-cultural

É praticamente do senso comum na educação que saber escutar é, ou deveria ser, um dos saberes básicos revelados por uma professora ou um professor. Além disso, o escutar tem sido uma expressão ou tema presente nos debates, recomendações e pesquisas, em diferentes âmbitos, que de alguma maneira envolvem educação. No contexto deste artigo, gostaria de lembrar o escutar como um fenômeno que é constitutivo em nosso viver e conviver no conversar. O conversar no qual basicamente nos definimos humanos como seres linguajantes.

A Biologia-cultural serve de orientação para pensar o humano em nós seres vivos e para pensar os seres vivos em nós humanos. Nasce como um “substrato epistemológico”, que fundamentalmente considera e reconhece que tudo emerge com o vivo e o cultural em nós como seres que vivemos em conversações. Realiza-se como um modo de abstrair sobre as dinâmicas fundamentais de nossa existência. Através dessas abstrações podemos procurar o entendimento e a compreensão de toda multidimensionalidade humana. A partir dos fundamentos da “Biologia do conhecer” e da “Biologia do amar”, alguém que entendesse a Biologia-cultural poderia evocar de maneira sistêmica o conviver humano na recíproca modulação entre suas dinâmicas biológicas e dinâmicas culturais, no que constituem a unidade do nosso existir. (MATURANA; DÁVILA, 2009)

Próprio do conversar, o escutar nos acompanha em todo o conversar. Portanto, se no conversar sempre escutamos, resta-nos saber como escutamos. Saber se sabemos ou não sabemos escutar é uma tarefa que envolveria saber sobre o que queremos com o escutar. Para, sabendo o que queremos, sabermos se o que fazemos no escutar é adequado para o que queremos.

O escutar, como pretendo discorrer aqui, envolve a multidimensionalidade humana no conversar: biológica, relacional, psíquica e cultural. Portanto, do nosso fazer na linguagem entrelaçado nas condutas relacionais, ou seja, no correr do viver nos emocionares que guiam o que fazemos linguajando. Ao não colocarmos habitualmente nossa atenção em algo que é óbvio em nós, deixamos de notar um processo próprio da convivência humana, pertencente ao viver no conversar. Ao fazermos assim, deixamos também de ver como vivemos no escutar nos âmbitos da educação, ao esquecermos algo que se processa em todo nosso fazer cotidiano.

Esse modo de dizer aponta para o biológico-cultural em nós humanos como seres vivos culturais. Com ele permitimo-nos desviar do quebra-cabeça tradicional que secciona elementos e se orienta através de causas, funções, finalidades, entre outras noções transcendentais ao operar humano como ser vivo cultural. Fazer intelectuais que inventam um conhecimento sobre o humano através de noções que apontam para a separação, ao isolar o biológico de um lado e o cultural de outro. Através da Biologia-cultural, o que se quer mostrar é a modulação recíproca entre eles, no seu entrelaçamento no atuar do indivíduo vivo humano. Nesse fazer, vejo necessário, no decorrer do texto, resenhar algumas noções e proposições da Biologia-cultural.

No conversar, nos orientamos em torno de diversos modos de dizer sobre nós mesmos. Sabemos que, no campo de estudos da educação, sempre que alguém adota uma noção pedagógica que lhe sirva de apoio, traz, implicitamente ou explicitamente, um modo de entender o humano que somos. Alguém, um educador ou qualquer um de nós, consciente ou não sobre isso, gera **no** e **com** o seu fazer os mundos e realidades, e com eles o fazer que nos faz humanos de um ou de outro jeito, como indivíduos e como comunidades. É todo o nosso fazer (no dizer, no pensar, no escutar etc.) que gera o tipo de seres que somos, todo nosso fazer envolve e produz o que se conserva em nossa corporalidade e em nossos modos relacionais. Ainda, ao saber isso, sabemos, que nos

seres vivos todo fazer surge desde um emocional, inclusive o fazer humano na racionalidade acontece como resultado do emocional que o gera e que define o espaço racional desde o qual atuamos. (MATURANA, 2001a)

Obviamente, o viver na linguagem pertence à multidimensionalidade do viver humano, e, parece que muito poucos duvidam atualmente sobre a centralidade do linguajar humano como definidor do humano. Entretanto, talvez não sejam frequentes estudos focalizados nas operações e processos nos quais se estabelecem estes espaços. Nos quais estes sejam mostrados como origem dos fenômenos. Origem aqui vista como o próprio desenrolar operacional e relacional do viver do ser vivo. Não como uma origem substantiva ou essencial definidora por si mesma do que está sendo estudado, ou seja, alguma ontologia fundada ou apoiada de algum modo no “ser em si”. (MATURANA; PÖRKSEN, 2004)

A composição deste texto, entre os objetivos, está voltada a: relembrar como o escutar é um processo (fenômeno) central e constitutivo **em** e **do** nosso viver e conviver; e, evidenciar modos fundamentalmente diferentes de escutar, através de uma maneira não habitual de falar sobre o escutar. Discorro nessas descrições, explicações e argumentos apoiado no que têm proposto em diferentes trabalhos Humberto Maturana e Ximena Dávila, conforme as referências, e como resultado do que em geral tenho estudado a partir desses autores e outras leituras. Entre estas: Freire (1996), Echeverría (2005; 2007) e, Chabot e Chabot (2008). Inspirado nisso e no meu próprio viver e conviver.

Há três noções básicas que orientam o que será apresentado neste texto. Elas se apoiam nos estudos e abstrações que nos oferece a Biologia-cultural. Uma é que sempre são pessoas que dizem tudo que é dito a alguém que escuta, o que é dito pode ou não fazer sentido para alguém que escuta; outra é que o que é dito é compartilhado em um espaço relacional que surge com o dizer de alguém e o escutar de alguém, isto é, o dito e o escutado surgem com o emocional no espaço relacional; e que se alguém conserva um modo de conversar, começa a abrir-se espaço para tudo variar em torno desse modo de conversar.

A primeira noção é aquela na qual se vê a pessoa como o observador na linguagem. Apoiada na lei sistêmica básica que diz: “tudo que é dito é dito por um observador a outro observador que pode ser ele ou ela mesma.” A segunda noção tem a ver com

(1) Ximena Dávila Yañes é especialista em relações humanas e família. Realizou, junto com Humberto Maturana, a compreensão do humano na dinâmica da Matriz Biológica e Cultural da Existência Humana. É cofundadora com Maturana do Instituto de Formación Matrizica, em Santiago, Chile, atualmente transformado em Escuela Matrizica de Santiago, onde desenvolvem trabalho docente e pesquisa.

que são emoções que definem tudo o que fazemos, até mesmo o racional e o que chamamos de racionalidade, pois todos os espaços de racionalidade humana se originam desde um emocional, uma conduta relacional (MATURANA, 1997). E a terceira é apresentada levando em consideração uma *lei sistêmica* abstraída do fazer cotidiano através da observação de todo fenômeno em qualquer âmbito, que diz: “quando em um conjunto de elementos começam a se conservar certas relações, abre-se espaço para que tudo mude em torno das relações que se conservam.” (MATURANA, 2009)

Nessas condições, o escutar, como um processo que podemos abstrair do conversar humano, pode aparecer como uma parte operativa do nosso fazer relacional, na qual se define o conversar em torno dos emocionares. É um jeito de olhar em que colocamos atenção nos fazeres, de tal modo que procuramos abstrair sobre as condutas relacionais, as quais têm lugar no espaço relacional. São próprias do curso das conversações, ao distinguir condutas relacionais (emocionares) e as premissas racionais que acompanham as nossas condutas relacionais. Premissas racionais que, quando e enquanto são coincidentes, dão coerência ao nosso conversar em qualquer situação. (MATURANA, 2009)

## Os nossos fazeres relacionais básicos

Apoiado nos diversos trabalhos de Humberto Maturana; Maturana com colaboradores e, em especial, com Ximena Dávila,<sup>1</sup> nesta seção apresento alguns fundamentos através de noções que tratam os fenômenos básicos do humano, os quais tradicionalmente têm sido estudados na Filosofia e Psicologia.

A educação, como processo da convivência humana, um processo espontâneo ou deliberado no presente de cada indivíduo vivo em todo suceder da pré-história à história, acontece como transformações na convivência. Acompanha o educar humano, nos diferentes momentos do nosso passado ancestral, a aprendizagem cultural que surge com os fazeres humanos. Como resultado do nosso operar relacional biológico-cultural, seguimos diferentes orientações psíquico-culturais que seguem com o conversar no viver e conviver humano. (MATURANA; DÁVILA, 2009, p. 25-54)

De acordo com Maturana, como seres vivos humanos, somos sistemas autopoieticos relacionais que vivemos no conversar. Autopoieticos na produção molecular, e relacionais porque vivemos

como os demais seres vivos em uma dinâmica de acoplamentos estruturais com o meio. O meio é o entorno ao indivíduo sistema vivo, inclui os demais vivos e o não vivo. O desenvolvimento histórico-biológico<sup>2</sup> dos seres vivos, como indivíduo e como linhagem evolutiva, acontece nessa modulação entre coerências estruturais no meio e manutenção da autopoiese. O que guia o viver dos animais são as disposições relacionais básicas do viver, ou emoções, que surgem acompanhando o modo de viver de cada espécie ou linhagem. Nós não nos diferenciamos dos demais mamíferos nesse aspecto.

O entendimento a respeito das emoções é fundamental para entendermos o escutar proposto com este artigo, fundamentado **na** e **desde** a Biologia-cultural. O emocionar é visto aqui como dinâmica que pertence ao âmbito relacional. Não faz parte do nosso viver fisiológico, ocorre na dinâmica entre o fazer que se observa como conduta do ser vivo humano e/ou na dinâmica do sentir que cada um vê em si mesmo enquanto vive e faz que tudo o que faz. O emocionar pertence ao âmbito interativo, como diferentes dinâmicas que acompanham todo nosso fazer cotidiano. Dinâmicas que aparecem como “condutas relacionais” ou como “sentires relacionais íntimos”. (MATURANA; DÁVILA, 2009, p. 225, 231)

O que cotidianamente apontamos em nós e nos outros como emoções são maneiras distintas de nos referirmos a distintas condutas relacionais ou a sentires relacionais íntimos. Por exemplo, a vaidade é um tipo de conduta relacional na qual alguém atua como se fosse o modelo a ser seguido; a humilhação é um sentir relacional íntimo em alguém durante e enquanto se sente negado (diminuído) frente a si mesmo por ter se submetido a cumprir alguma exigência de outro.

O modo de vida relacional primário que nos caracteriza como humanos, desde nossa origem ancestral, é nossa conduta relacional no amar. Em outras palavras, nos originamos e temos vivido o amar e no amar como o emocionar básico no qual nos fazemos humanos na espontaneidade do conviver no ser respeitado e respeitar a si mesmo e o outro. E, embora isto aconteça, culturalmente temos vivido sob outras orientações psíquico-culturais que negam o básico em nós que é o amar.

Em acordo com as noções que compõe o sistema de pensamento produzido por Humberto Maturana, que não foram completamente explicitados neste texto, algumas implicações, seriam:

(2) Uso o termo composto histórico-biológico para enfatizar os processos fisiológicos e condutuais que em modulações recíprocas constituem os espaços básicos do desenrolar histórico do viver de todos os seres vivos. Histórico, neste caso tem a ver com os processos de dinâmicas e coerências em acoplamentos estruturais e não com eventos, como fatos históricos.

- Não há interação instrutiva entre organismo e meio, e/ou entre organismo e organismo, pois são sistemas determinados estruturalmente. A sua autoprodução acontece através de dinâmicas de mudanças estruturais geradas nas coerências internas do operar da própria estrutura. Este um fenômeno no âmbito da fisiologia.
- O que o observador vê como mudanças recorrentes e recursivas, como uma sequência de mudanças nas coerências estruturais entre organismo – meio – organismo, são o que se chama de coordenações de condutas.
- Coordenações de condutas recursivas em um espaço de coerências entre organismo – meio – organismo, por isso coordenações de coordenações de condutas.
- No sistema nervoso não acontece nenhuma gravação de ideias (elementos abstratos), o que ocorre são relações de atividade neuronal conforme a dinâmica que torna possível o viver do organismo, ou seja, uma dinâmica em congruência com o meio (outro organismo, entorno físico etc.).
- Não reforça o que tem sido chamado (entre alguns analistas e críticos da produção do conhecimento) de hierarquias epistemológicas, porque trata de sugerir um modo de conhecer no qual o espaço operacional do vivo (a biologia) em nós humanos não é excluído nos momentos em que nos interessamos pelo nosso ser em nossas dimensões relacionais (a cultura).

### Coordenações de coordenações: a linguagem como processo em/entre seres determinados estruturalmente

Diferentemente de outros pensadores que como ele deram sentido e explicações sobre a linguagem como dependente dos fazeres interativos humanos, Maturana apresenta algo mais primário em nosso **fazer**. Ao olhar a linguagem como resultado de encaixes em ações que coordenam ações de seres vivos entre si, busca os mecanismos e operações que, respeitados os limites e as condições biológicas, tornam possível a linguagem com resultado do operar relacional (fazer) dos seres vivos humanos. Procura imaginar o que basicamente começa a acontecer nos espaços do fazer de seres vivos humanos do tipo que temos sido, desde aproximadamente 3 milhões de anos. De modo que se possa propor como começa

a surgir a linguagem desde o que começamos a nos tornar nos primórdios da nossa ancestralidade.

Como acontece com todos os seres vivos, o viver humano inclui múltiplos modos de realização de coerências estruturais ou de encaixes recíprocos entre estruturas, ou seja, entre seus corpos, e inclui a própria dinâmica molecular desde o plano celular. No seu fazer de ser vivo, um observador é um ser vivo já na linguagem que diz sobre a linguagem. Qualquer pessoa é um observador na linguagem. Na linguagem é que temos dito, descrito, explicado, nela somos observadores. O observador (nós mesmos), ao observar interações no fazer dos seres vivos, pode ver como interações esses encaixes recíprocos de estruturas ao vê-los no meio que os contem. E pode ver também que pode haver uma dinâmica de encaixes recíprocos que revelam consensualidade no fazer. Nisso o observador pode ver que há coordenações de ações e coordenações de ações **consensuais**. Alguém, nós mesmos, podemos ver entre os animais em geral.

Quando um observador observa o fazer de seres humanos (isso inclui ela ou ele mesmo) pode observar que, diferentemente dos outros animais, além de ver coordenações de ações, vê que essas coordenações de ações acontecem de modo **recursivo**. Isto é, uma coordenação de ação gera outra coordenação de ação de modo não repetitivo, mas de modo diferente. Por isso, pode-se dizer que entre seres humanos há recorrência e recursividade nas coordenações de ações. E há, por isso, coordenações de coordenações de ações **consensuais recursivas**. Neste modo recursivo de coordenar ações se origina e se desdobra a linguagem humana, em toda sua múltipla dimensionalidade.

Nessa perspectiva, a linguagem humana vista como resultado das possibilidades de um ser vivo na sua fisiologia (mudanças estruturais) e sua conduta, constitui-se como um fenômeno biológico. Como todo fenômeno biológico envolve o entendimento de dois espaços básicos e disjuntos: fisiologia e conduta. Pois, envolve os processos do operar de seres vivos, os quais são mecanicamente dependentes da estrutura que os define nas suas corporalidades – envolve a fisiologia, e, junto com isso, é um fenômeno **relacional**, pois envolve o espaço das interações em que os seres participam – envolve a conduta.

Importante notar que, embora dependa da corporalidade, como fisiologia, anatomia, sistema nervoso etc., a linguagem acontece

no âmbito do operar relacional humano, ou seja, nas condutas adotadas no viver das/entre pessoas desde sua corporalidade. Acontece como resultado de uma história de dinâmicas de coerências no viver entre seres vivos – meio – seres vivos. Uma história de coerências entre seres que vivem na dinâmica de encaixes recíprocos, conforme modificam dinamicamente suas estruturas nas interações. Na linguagem humana, como processo operacional do qual ela é resultado, não acontecem interações instrutivas. O fenômeno linguístico tem na sua base operacional a dinâmica de encaixes estruturais sucessivos recíprocos entre seres vivos. E também internamente, em coerências dinâmicas estruturais em modulações recursivas que operam entre partes da estrutura do organismo, do sistema nervoso, dos sistemas senso-efetores etc.

A linguagem é resultado da dinâmica do viver a consensualidade ao passar de um fazer a outro recursivamente. Na base operacional da linguagem não há, nem pode haver, nenhum ente *em si* ou unidade básicos, somente há ação (dinâmica de mudança estrutural) coordenada seguida de ação coordenada, e assim sucessivamente. A linguagem é resultado de coordenações de coordenações de ações consensuais e recursivas. O viver e o conviver humano, na linguagem, constituem um operar em coordenações de coordenações de ações consensuais recursivas.

A linguagem surgiu com os humanos. Como qualquer outro fenômeno do vivo, surgiu na deriva de acoplamentos estruturais entre seres vivos – meio – seres vivos. Constituímo-nos humanos, desde nossa ancestralidade hominídea, como seres de linguagem. Seres entre os quais o conversar é próprio do nosso fazer humano desde o seu começo como linhagem de seres vivos. Há que recordar que não há ruptura no operar que leva a conservarem-se sistemas anatômico-fisiológicos na modulação recíproca vivida através de certos modos de viver que se conservam como culturas. Há uma trama no atuar e autoproduzir de indivíduos vivos, que derivam sem projeto prévio. O conversar é viver na linguagem, o conversar é viver na dinâmica de passar de uma conduta relacional a outra enquanto se vive múltiplas dimensões na e da linguagem. Constituímos, com nosso viver na linguagem e no emocionar, distintos modos de conversar. Nesses diferentes modos de conversar atuamos como humanos em distintas redes conversações. Cada vez que conservamos uma rede de conversações ao mantermos um



modo de conversar que a caracteriza, vivemos e convivemos em uma cultura. (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004)

## O escutar na dinâmica do conversar

O escutar, assim como o dizer, fazem parte da dinâmica do conversar. Os humanos, como seres que se realizam como unidades Biológico-culturais, vivem no conversar realizando-se, ao conservar diferentes modos de conversar em redes de conversações, ou seja, em culturas. Em cada modo de conversar, que se vive no entrelaçamento das emoções na linguagem, acompanha em nós um modo de escutar e de dizer.

É importante salientar, que o emocionar e as emoções não são contingências do nosso viver humano. Ou seja, não nos emocionamos eventualmente por mudanças nas circunstâncias do viver. O que nos acontece é que vivemos em uma contínua dinâmica de mudanças e conservação de condutas relacionais e sentires relacionais íntimos, vivemos em um contínuo emocionar, embora nem sempre estamos fazendo distinções sobre qual emocionar estamos vivendo. O que nos acontece é que na maior parte do tempo vivemos cegos aos emocionares ou estados de ânimo em que vivemos.

Acontece que vivemos no conversar movimentando-nos na dinâmica do viver na trama entre o fazer na linguagem e dos emocionares. Por isso, o escutar acontece sempre em nós. O escutar acontece sempre, embora temos aprendido cotidianamente a dizer que alguém não escuta, não ouve etc. O que ocorre então para dizermos que alguém não escuta ou não sabe escutar?

Para responder, considerando o escutar como algo não contingente, teríamos que voltar o nosso olhar para o emocionar e as emoções, como classes ou tipos de condutas relacionais e de sentires relacionais íntimos. Deste modo poderíamos ver que, ao mesmo tempo, os modos de conversar são modulados nos modos do emocionar que guia o conversar e, portanto, guia os modos de escutar. Assim, escutamos conforme o tipo de dinâmica relacional que se configura conosco nas conversações. Ou, em outras palavras, escutamos guiados pelas dinâmicas de emocionares, aprendidas no curso de nossa história de interações. Uma história de interações nas *conversações* aprendidas, desde aquelas no âmbito familiar, onde vivemos desde na tenra infância, desde as relações

materno-infantis, até os outros diferentes espaços de convivência que participamos.

Nesses espaços do conversar é que aprendemos a escutar. Pois neles configuramos em nosso viver os modos de escutar que, consciente ou inconscientemente, adotamos através da vida. Com isso podemos notar que adotamos critérios, consciente ou inconscientemente, nas *conversações* em que participamos, que surgem como diferentes modos efetivos de escutar. Isto é, de aceitar ou rejeitar o fluir das conversações e dos modos de interagir que participamos e que surgem nelas. A importância disso começa a ser notada no educar, pois nos sugerem outras perguntas, entre elas as que seguem.

Escutavam nossas perguntas? Nós nos sentíamos vistos no escutar? Quais eram os critérios que eram válidos na minha casa e quais não? (MATURANA; DÁVILA, 2009, p. 235)

Perguntas importantes, pois, com a busca de respondê-las surge a possibilidade de ver e distinguir que vivemos distintos espaços culturais que conservamos como modos do conversar e do escutar que sempre os acompanham. Há uma oportunidade de ver que vivemos conservando distintos emocionares como modos regulares de atuarmos nas redes de conversações que participamos e distinguir as distintas culturas que mantemos com elas. Assim, mantemos culturalmente diferentes tipos de emocionares e com eles modos de escutar.

Além disso, são perguntas que trazem respostas nas quais se pode deixar emergir a pessoa. Surgem entrelaçadas com o interesse no indivíduo, esta ou aquela pessoa que resulta sempre de uma única dinâmica histórico-biológica. Nesse desenrolar, embora sejam perguntas fundadas na Biologia-cultural como um pressuposto epistêmico, não suscitam respostas teóricas. Suscitam respostas que desvelam tramas relacionais nas quais cada pessoa vive, e das quais nascem mundos no fazer de cada um. Isso não envolve somente a preocupação com a criança e o jovem ou a jovem estudante, mas inclui os docentes como parte dessas tramas do conviver.

O exame do que fazemos e como fazemos, levando em consideração as perguntas colocadas acima, nos permitiria refletir a respeito de temas da atualidade no âmbito acadêmico da pesquisa em educação. Assuntos como inclusão, cidadania, currículo, entre os diversos temas de pesquisa que envolvem o ser vivo relacional cultural humano. Realizar essas investidas não é o objetivo deste

trabalho. Por isso, segue como uma abertura final, um pequeno exercício.

(3) Curso Introdutório à Biologia-Cultural, Santiago-Chile, fevereiro de 2008.

## O que revela o modo de escutar?

O escutar revela o modo de estar na conversação. O escutar sempre está presente na conversação. O que acontece em uma conversação não é se alguém deixa ou não de escutar, o que muda na conversação é o modo de escutar. Ao mudar o escutar muda o modo de participar na conversação.

Na produção intelectual de Humberto Maturana é trivial dizer que: “Tudo que é dito é dito por um observador a outro observador que pode ser ele ou ela mesma”, nisso encontra-se que: o que alguém disser será escutado por alguém, que pode ser ele ou ela mesma. A aceitação do que foi dito está relacionada com o modo de escutar de quem escuta.

O escutar acontece como as diferentes maneiras que aprendemos a escutar desde a nossa infância. Escutamos conforme a cultura que vivemos e que conservamos ao viver. – Temos jeitos diferentes de escutar! – é uma frase que frequentemente aparece no nosso dia a dia. Mas, como acontece isso em nós que escutamos?

Nas redes de *conversações* em que vivemos culturalmente, podemos falar em duas maneiras básicas de escutarmos o que escutamos:

Apoiado no que Maturana apresentou pessoalmente em um curso,<sup>3</sup> vou “inventar” umas expressões da linguagem cotidiana para caracterizar esses modos de escutar. Assim, digo: o modo “primeiro Eu!” e o modo “de onde Ele ou Ela fala?” No modo “primeiro Eu!”, escuto para ver se o que o outro está dizendo é ou não o mesmo que antecipadamente eu penso. No modo “de onde Ele ou Ela fala?”, escuto para ver onde o outro pretende que seja válido o que está dizendo.

Quando ouço no modo “primeiro Eu!”, nunca ouço ninguém, ouço somente o que eu penso.

Quando ouço no modo “de onde Ele ou Ela fala?”, ouço o que a outra pessoa está dizendo, e não somente o que eu penso.

No modo “primeiro Eu!”, eu fecho as possibilidades de colaboração (elaborar juntos) reflexiva. Estabeleço uma relação fundamentada na autoridade, exigência e submissão, desde o pressuposto

de que eu possuo a verdade. Uma conversação como essa define relação de autoridade e submissão.

No modo “de onde Ele ou Ela fala?”, eu abro as possibilidades de colaboração reflexiva em mútuo respeito. Abro espaço para uma conversação em coinspiração gerada no respeito mútuo.

A cada momento, estudando, lendo etc., vivendo nosso cotidiano, ouvimos basicamente em um desses dois modos de ouvir. Talvez, o leitor ou leitora poderia estar mais atento para **como** está ouvindo... e, talvez poderia responder de outra maneira a pergunta: o que revela o modo de escutar? Revela como nos colocamos nas conversações. Por isso, revela o que fazemos no espaço em que vivemos nossa orientação psíquica-cultural básica no educar, no aprender/ensinar.

Esse olhar sobre o escutar não configura uma técnica de psicologia, nem uma teoria sobre o escutar. Pois, não se fundamenta em mecanismos pré-concebidos que funcionariam como instrumentos pertencentes à técnicas de manipulação psicológica, nem métodos de instrumentalização das relações íntimas ou com os outros. Não formam uma teoria, pois não exigem nenhum pressuposto ou antecedente como conceito, categoria ou outro elemento teórico a servir como condição para ser realizada. Trata-se aqui de um fazer no qual o interesse está orientado para vermos em nós mesmos as dinâmicas operacionais-relacionais nas quais vivemos desde o amar ou desde o desamar.

Outras perguntas poderiam ser colocadas aqui. Respondê-las não seria uma tarefa a realizar de imediato, poderiam fazer parte da reflexão íntima de cada leitor ou leitora. Pois, temos aprendido culturalmente a esconder o que sentimos, e sem dúvida, podemos esconder o que sentimos, ou seja, não escutar nosso sentir. Queremos viver assim? Queremos ensinar as crianças a esconderem o que sentem? Ou queremos a aprender a refletir sobre o que sentimos, o que escutamos com nosso sentir? Os modos como nos expressamos exibem ou escondem o que sentimos. Basicamente o que sentimos tem a ver com como queremos, consciente ou inconscientes, como queremos ver a nós mesmos e o outro. Como queremos ver a nós mesmos? Como queremos aparecer diante de nós mesmos junto com as crianças? Sabemos quando queremos ver as crianças? Sabemos quando fazemos as crianças desaparecerem com exigências e com expectativas?

Essas dinâmicas do nosso viver, entre o amar e eu desamar, não há dúvida que simplesmente as vivemos. Conscientes e inconscientes, ora como um viver no bem-estar de viver no amar, ora como negação cultural do amar. Nelas nos movemos desde condutas relacionais nas quais nos alienamos na negação de nós mesmos e de todo o demais. São esclarecedores alguns exemplos entre os apresentados por Maturana e Dávila (2009, p. 225-231). Através deles procuram expor algumas dessas nossas condutas relacionais: a) alguém se aliena na certeza: em um escutar no qual escuto engaiolado no pressuposto de que o que sei é a verdade; b) alguém se aliena na vaidade: na qual escuto na arrogância de que eu sou o modelo; se aliena na inveja: na qual escuto desprezando a mim mesmo e vendo que somente o outro possui o que eu não tenho; c) o bem-estar na ternura: durante e enquanto alguém acolhe o(a) outro(a) sem exigências, nem expectativas, no encontro ao ser visto, tocado, no sentir que surge sem esforço na imanente confiança na biologia do amar.

Ver o ser vivo desde o olhar para as dinâmicas do vivo que aparecem como dinâmicas nos espaços da fisiologia e da conduta, e ver o fluir do viver no entrelaçamento delas em mútua modulação, é pensar/dizer sobre dinâmicas do viver. Olhar as dinâmicas do viver como condutas relacionais e sentires relacionais íntimos, considerado o que foi exposto, não depende de técnicas nem de teorias. Se perguntassem se isto pode se tornar uma técnica para algum agir manipulativo, a resposta seria sim. Pois o que fazemos sempre se origina com o que queremos com nosso fazer, em qualquer domínio do fazer humano, estando conscientes desses processos, ou não. Nos perguntamos sobre a validade e o sentido ético do agir manipulativo? Uma reflexão a ser feita pelo leitor e pela leitora. Em especial quando consideramos interações com crianças.

O que permanece a partir dessas considerações e reflexões, é que se evidencia um amplo espaço para reflexão e estudos, desde o entendimento de que todos os domínios (políticos, culturais, científicos, filosóficos etc.) que distinguimos em nosso fazer humano surgem no conversar. E, no conversar, no escutar e no dizer operamos (vivemos) desde as dinâmicas das condutas relacionais e dos sentires relacionais íntimos. Ou seja, nosso viver não surge de conceitos, estes são sempre posteriores às experiências. Estas, apontamos com nossos discursos sempre desde um ou outro modo de sentir que nos guia em nosso dizer. O que se faz/diz/pensa como

humanos o sobre os fenômenos humanos não escapa do dizer de alguém que sente sobre o que faz/diz/pensa... Saber isso não é novidade. Entretanto, o modo como propomos o conhecimento surge com o próprio conhecimento proposto. Temos levado isso a sério? Estamos atentos sobre o modo que escutamos enquanto inventamos os conhecimentos que inventamos?

Embora o nosso viver relacional (conduta) não acontece nem pertence às dinâmicas da corporalidade e da fisiologia, é na dinâmica das interações que as mudanças fisiológicas e da corporalidade surgem como ações e condutas para alguém que as observa. Como foi dito anteriormente, o nosso viver acontece em uma contínua modulação entre o que acontece como conduta e o que acontece na fisiologia ou corporalidade (o que obviamente inclui o sistema nervoso). No correr contínuo dessas modulações recíprocas, nós vivemos como totalidades. Cada indivíduo vive interações únicas, vive modulações entre fisiologia e condutas únicas. Por isso, não é banal considerarmos a nós mesmos como seres humanos vivos em uma corporalidade. Porque as mudanças na corporalidade (mudanças estruturais) configuram uma história de mudanças estruturais moduladas conforme as interações que cada indivíduo participa, e que são únicas. E é somente delas que surge um curso ou outro no viver de cada um. Desse modo vemos o óbvio – o qual frequentemente não prestamos atenção – que nada do que fazemos é banal, pois tudo o que fazemos, fazemos em conversações entre pessoas. E as consequências operam e incidem em pessoas, não em abstrações.

Nesse sentido o que se quer é aprender a abstrair sobre as dinâmicas relacionais nas quais vivemos no conversar. Faz parte desse saber circular, que se constitui e se realiza no próprio conversar-escutar-sentir-fazer e tudo o mais, saber como escutamos para saber como sentimos e saber como sentimos para saber como escutamos. Atentos para o que mantemos conosco, entre nós, pois é em torno do que mantemos que surgem as mudanças.

Ao olharmos o indivíduo humano como resultado de uma contínua história de mudanças estruturais moduladas em uma contínua dinâmica relacional, ele, a pessoa, nasce e vive no conversar e no escutar que o acompanha. Isto teria presença fundamental no dizer de alguém, na medida em que alguém de fato queira incluir um ser vivo humano, enquanto procura entender os fenômenos relacionais

do humano, tais como o são os fenômenos na educação, na política, na família, e em todas as outras esferas do convívio humano.

Assim, o escutar, entendido deste modo, nos aparece como central em nossos afazeres. Pois, vendo como escutamos podemos ver como estamos atuando. Desde esse olhar, estaríamos orientados a buscar a compreensão a respeito de **como** é gerado em nós e nos outros o que fazemos.

Desde um saber, que começa e termina na reflexão íntima e relacional no conversar, podemos ver o fazer no que fazemos e com ele a “conduta ética” (MATURANA, 2001b, p. 467) e de responsabilidade social e ambiental que sempre o acompanha, mesmo quando inadvertidamente a queiramos ocultar.

### To listen: in the biologic-cultural dynamic of educate

**Abstract:** This text proposes to remember how to listen is a constitutive process in living and living together, and show fundamentally different ways of listening. It presents some fundamentals around the basic phenomena of the human, who have proposed Humberto Maturana and Ximena Dávila. There are three bases that guide what will be presented in this paper. First, is that indicate to look the person as an observer in the language. Second: emotions are that define everything we do, even rational. And the third is a systemic law that says, “when a set of elements begin to keep certain relationships, opens space for everything to change around the relationships are preserved.” Listening is regarded as a phenomenon belongin to relational context of the conversation. From where the centrality of listening in education is highlight, by showing the basic modes of listening thru the cultural-biology propositions.

**Keywords:** Communication; Language and Education; Culture.

### Referências

- CHABOT, D.; CHABOT, M. *Pedagogia emocional: sentir para aprender*. São Paulo: Sá Editora, 2008.
- ECHEVERRÍA, R. *Ontologia del lenguaje*. Santiago: J. C. Sáez Editor, 2005.
- ECHEVERRÍA, R. *Por la senda del pensar ontológico*. Santiago: J. C. Sáez Editor, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MATURANA, H. R. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1997.
- MATURANA, H. R. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: UFMG, 2001a.

MATURANA, H. R. Fundamentos de la ética. *Revista universum*, Talca, n. 16. 2001b.

MATURANA, H. R. *Nuevas miradas*: vídeo entrevista com Senador Carlos Cantero. Chile, 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=MdXsn8L2YXU>>

MATURANA, H. R.; DÁVILA, X.Y. *Habitar humano*: em seis ensaios de Biologia-cultural. São Paulo: Palas Athena, 2009.

MATURANA, H. R.; PÖRKSEN, B. *Del ser al hacer*. Santiago, Chile: J. C. Sáez Editor, 2004.

MATURANA, H. R.; VERDEN-ZÖLLER, G. *Amar e brincar*: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. São Paulo: Palas Athena, 2004.

---

Recebido: 08/10/2012 | Aprovado: 30/11/2012

**Homero Alves Schlichting**: doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Santa Maria, [homero.a.s@gmail.com](mailto:homero.a.s@gmail.com)